



Revista da Universidade Vale do Rio Verde
ISSN: 1517-0276 / EISSN: 2236-5362
v. 17 | n. 1 | Ano 2019

Jessica Casali Turcato
UNIJUI/RS
jehturcato@hotmail.com

Juliana da Fonseca Capssa Lima Sausen
UNIJUI/RS
jucapssa@gmail.com

Cátia Raquel Felden Bartz
UNIJUI/RS
catiafelden@hotmail.com

Daniel Knebel Baggio
UNIJUI/RS
baggiold@unijui.edu.br

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA NO DOMÍNIO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: PESQUISAS DE CUNHO INTERPRETATIVO

RESUMO

Compreendida como uma estratégia qualitativa e interpretativa que busca a obtenção do conhecimento intersubjetivo, compreensivo e retratado, utilizando da experiência de vida para compreender um fenômeno; a fenomenologia, se por um lado, se encontra em ascensão nos estudos organizacionais, por outro lado, demanda de trabalhos científicos que a utilizam como método de pesquisa, principalmente no campo da administração e, sobretudo, em estudos organizacionais que tratam sobre empreendedorismo. Considerando tal lacuna, este artigo propõe – por meio de pesquisa bibliográfica em artigos e livros de fontes nacionais e internacionais sobre a temática – uma reflexão teórico-científica das principais contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. Através dos resultados e discussões apresentados, conclui-se que a fenomenologia pode trazer contribuições significativas para a área da administração e para os estudos organizacionais, inclusive para o empreendedorismo. Para tanto, faz-se necessário o reconhecimento de sua relevância, bem como sua efetiva aplicabilidade nos campos científico e empírico, pelos pesquisadores destas respectivas áreas.

Palavras-chave: Fenomenologia. Movimento Filosófico. Pesquisa Empírica. Estudos Organizacionais.

CONTRIBUTIONS OF PHENOMENOLOGY IN THE FIELD OF ORGANIZATIONAL STUDIES: INTERPRETATIVE SHORT RESEARCH

ABSTRACT

Comprehended as a qualitative and interpretive strategy that seeks the attainment of intersubjective, understanding and portrayed knowledge, using life experience to understand a phenomenon; phenomenology, if on the one hand, is on the rise in organizational studies, on the other hand, demand for scientific works that use it as a research method, mainly in the field of administration and, especially, in organizational studies dealing with entrepreneurship. Considering this gap, this article proposes - through a bibliographical research in articles and books of national and international sources on the subject - a theoretical-scientific reflection of the main contributions of phenomenology to organizational studies. Through the results and discussions presented, it is concluded that phenomenology can bring significant contributions to the area of administration and to organizational studies, including for entrepreneurship.

Therefore, it is necessary the recognition of its relevance, as well as its effective applicability in the scientific and empirical fields, by the researchers of these respective areas.

Keywords: Phenomenology. Philosophical Movement. Empirical Research. Organizational Studies.

Recebido em: 20/08/2018 - Aprovado em: 25/03/2019 - Disponibilizado em: 15/07/2019

1. INTRODUÇÃO

A fenomenologia é compreendida como uma estratégia qualitativa e interpretativa que busca a obtenção do conhecimento intersubjetivo, compreensivo e retratado, utilizando da experiência de vida para compreender um fenômeno (SILVA, 2006).

Além disso, a aplicação do fenômeno metodológico tem sido caracterizada pela diversidade de temas, setores, objetos, problemas e assuntos abordados, refletindo-se em distintas abordagens e interpretações.

Contudo, se por um lado, a fenomenologia se encontra em ascensão nos estudos organizacionais, pois os pesquisadores têm buscado alcançar a essência dos fenômenos pesquisados (BOAVA; MACEDO, 2011), por outro lado, evidencia-se poucos trabalhos científicos que utilizam este método como instrumento de pesquisa, principalmente no campo da administração e, sobretudo, em estudos sobre empreendedorismo (GIL; SILVA, 2015).

As pesquisas sobre empreendedorismo, por exemplo, cresceram substancialmente nos últimos anos no Brasil. Contudo, ainda há uma prevalência da perspectiva positivista na área.

Considerando tais aspectos e lacunas,

este artigo propõe uma reflexão científica das contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. Para tanto, realizou-se uma discussão das bases do movimento fenomenológico originado na filosofia, considerando suas origens, conceitos e sua complexidade. Em seguida, buscou-se compreender como se deu a passagem da fenomenologia de um método filosófico para um método de pesquisa, com foco em sua relevância para os estudos organizacionais.

2. METODOLOGIA

Este estudo é considerado de natureza social, pois tem como campo de investigação a realidade social. Quanto à abordagem implementada, classifica-se como pesquisa qualitativa, uma vez que busca aprofundar-se no mundo dos significados (MINAYO, 2010), na medida em que é utilizada uma metodologia não-estruturada, proporcionando *insights* e compreensão do contexto do problema (MALHOTRA, 2012).

Referente aos objetivos, o estudo configura-se como pesquisa descritiva, na medida em que propõe descrever características de determinado fenômeno, estabelecendo relações entre variáveis

e a natureza destas relações (GIL, 2008), sendo que o fenômeno aqui estudado corresponde à fenomenologia e ao método fenomenológico, suas origens, pressupostos e contribuições para os estudos organizacionais.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada pesquisa bibliográfica em artigos e livros de autores e teóricos que tratam tanto sobre esta temática, como também acerca de sua aplicabilidade no campo da administração e dos estudos organizacionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Fenomenologia: Origens e Conceitos

O movimento fenomenológico originou-se na filosofia e nas constantes transformações e inter-relações desta com a ciência, enquanto compreensão do homem e seu lugar no mundo.

A filosofia contemporânea vem se libertando das imagens míticas, do domínio das religiões, das confissões poéticas e do lírico, da sabedoria da vida, das meditações da existência, e, até mesmo, dos efeitos do avanço que as ciências causaram na filosofia.

Stein (2005) aponta que em tudo isso poderá haver filosofia, contudo, não por causa disso. Nesse entendimento, o campo filosófico transcende a simples compreensão da sabedoria da vida e do pensamento em torno da existência, ultrapassa o entendimento humano e deixa de ser um conhecimento de generalidades, modificando-se para uma nova compreensão do pensamento. Desta forma, a filosofia renega a crença de que o senso comum triunfa. Ela não existe por esses

aspectos, mas acima disso, poderá se fazer presente nesse todo.

A engrenagem da filosofia são os grandes problemas da humanidade. É nos problemas essenciais do homem e da história que se efetiva o exercício da filosofia. Porém, nas lacunas abertas pela interrogação filosófica, enquanto se buscavam maturar respostas, os pressupostos científicos encontraram soluções mais ágeis por meio da matematização e da formalização, e a ciência tomou espaço ao seguir caminhos mais positivos e, também, mais eficientes para as interrogações humanas.

Por um momento, a filosofia busca as ciências e obriga-se a abordar as generalidades, contudo, as ciências se colocaram ao lado da não-filosofia, ao lado do senso comum. E, soluções filosóficas e científicas se tornaram ideologias distintas (STEIN, 2005).

As peculiaridades da filosofia colocam-na em oposição do objetivismo, isto é, ao limite da ciência. Para a filosofia, a deficiência da ciência se encontra no constante objetivismo que ela busca. Em contrapartida, a filosofia não se dilui ao domínio do real, ocupando a partir de seus esforços de reflexão, a condição de possibilidades, chamada de dimensão transcendental, segundo Stein (2005).

Em suas palavras, a transcendência propõe ultrapassar os limites da formalização e poder do cálculo. Portanto, nessa dimensão, a filosofia se constitui crítica e reflexivamente, ultrapassando todos os limites do infinito.

E neste novo cenário da perspectiva da filosofia e de suas inter-relações com a existência do homem, seu cotidiano e sua vida, é que surge o

movimento fenomenológico.

A partir deste contexto, o movimento fenomenológico desponta como uma nova perspectiva de pensamento, constituindo-se como um marco iluminador no caminho do pensamento humano, rico pela multiplicidade de possibilidades, quase que insuspeitadas, que emergem de uma mesma raiz (STEIN, 2005).

O ápice do movimento fenomenológico sobreveio há quase meio século. Porém, conforme este mesmo autor, atualmente originado pela convergência de distintas circunstâncias que as análises históricas delinearam, é quando ocorrem os delineamentos mais significativos para a fenomenologia.

Um movimento marcante do passado que se tornou objeto de estudo também no presente e que contou com contribuições teóricas e científicas de diversos pesquisadores.

Neste sentido, o matemático e filósofo alemão, Edmund Husserl (1859-1938) foi o precursor do movimento filosófico da fenomenologia, seguido pelos filósofos Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), expoentes dessa corrente.

Stein (2005) destaca ainda os diferentes autores que historicamente abordaram a fenomenologia de Husserl, segundo seus próprios estudos e proposições críticas.

Em 1960, o filósofo americano Herbert Spiegelberg (1904-1990) detalha em uma de suas obras o que foi o movimento fenomenológico, junto de Alexander Pfänder (1870-1941), integrante da primeira geração de fenomenólogos da fase germânica do movimento, que muito viria a contribuir para a sua ascensão.

Em escolas com tendências fenomenológicas particulares, através de Adolf Reinach (1883-1917) e Roman Ingarden (1893-1970), na cidade universitária de Göttingen, praticava-se a fenomenologia descritiva.

Já em Freiburg, os filósofos Martin Heidegger (1889-1976), Wilhelm Szilasi (1889-1966) e Ludwig Landgrebe (1902-1991) seguiram os pressupostos de Husserl e criaram a denominada fenomenologia transcendental.

Em Marburgo, Heidegger desenvolveu sua própria abordagem por meio da fenomenologia hermenêutica, posteriormente, substituindo Husserl, em Freiburg, com a fenomenologia ligada às filosofias da existência.

Em Colônia, originou-se a fenomenologia dos valores de Max Scheler (1874-1928) e Nicolai Hartmann (1882-1950) e, em Munique, a fenomenologia psicológico-descritiva, de Pfänder e Spiegelberg.

Esses foram, portanto, alguns grupos de pesquisadores com características em comum e que construíram e fortaleceram os pressupostos teóricos da fenomenologia, contribuindo para suas diversas potencialidades científicas, especialmente no campo da pesquisa empírica.

3.2 Fenomenologia na Pesquisa Empírica

A discussão epistemológica até meados da década de 1990 pertencia aos domínios de filósofos e sociólogos. Paulatinamente, cresce o interesse de cientistas e pesquisadores no campo filosófico e a modelagem das investigações científicas quanto às condições culturais e sociais de uma determinada corrente do pensar. No

mesmo sentido, entende-se que a ciência do conhecimento não é única. Sendo assim, não existe um modelo puro para a condução de uma pesquisa, mas correntes que possuirão elementos constitutivos comuns, sendo que a constituição e a combinação desses elementos é que darão o caráter singular de cada uma das correntes epistemológicas.

Para Balsini e Godoi (2006), a pesquisa qualitativa é um conceito que abrange várias formas de pesquisa e auxilia a compreender e explicar o fenômeno social. Paralelamente, tais autores apontam a dificuldade do rigor metodológico nesse tipo de pesquisa. Deste modo, são inúmeros os problemas encontrados nas pesquisas qualitativas, fruto da dificuldade de embasamento literário dos trabalhos analisados sobre metodologia, que resultam na banalização do tratamento qualitativo.

A investigação qualitativa possibilita flexibilidade metodológica diante das vertentes paradigmáticas e da emergência de padrões modernos. Contudo, fragilidade e flexibilidade não podem ser confundidas. O que se permite nesse tipo de delineamento é uma construção de visão de mundo alicerçada por uma solidez metodológico-epistêmica. Para Godoy (2006), o rigor investigativo do estudo está pautado no entendimento do significado que se atribui aos conceitos de fidedignidade, generalização e validade contidos nesse tipo de pesquisa.

Pelas suas características, a pesquisa fenomenológica é absolutamente distinta de pesquisas fundamentadas na corrente positivista, por exemplo, e requer uma postura diferente do pesquisador no modo de concepção da realidade.

Sendo assim, essa vertente se “... constitui muito mais como uma postura, um modo de compreender o mundo, do que como uma teoria, um modo de explicá-lo” (GIL, 2010, p. 39).

Para Holanda (2006), o método fenomenológico desdobra-se em uma abordagem descritiva, com objetivo de alcançar o sentido da experiência, o significado desta experiência para as pessoas que a viveram. “A investigação com base na fenomenologia enfatiza a experiência que se vive no mundo da vida” (SILVEIRA; GUERRA; GONÇALVES, 2012, p. 276).

Na pesquisa fenomenológica, busca-se trazer as características empíricas descritas a partir da experiência vivida da consciência do sujeito para a consideração no plano da realidade essencial, ou seja, descrever e interpretar fenômenos que se dispõem à percepção, objetivando o próprio fenômeno, tal como ele se apresenta (GIL, 2010). Com isso, o objeto é o próprio fenômeno e o que se pretende alcançar é sua essência, seu conteúdo inteligível e ideal, interpretando-o do modo mais puro possível que se apresenta ao sujeito, sem considerar qualquer interferência de regras e observação.

Segundo Van Manen (2016), a fenomenologia almeja compreender e dar significado à natureza da experiência vivida. A partir da experiência vivida poderão desenvolver-se estudos envolvendo a subjetividade humana, pois o ser humano é único e vivencia experiências com significados que podem ser compreendidos reflexivamente. Para conceber as bases da experiência vivida, o autor coloca quatro princípios que dimensionam o mundo vivido (espaço, corpo, tempo e o outro), sendo: o espaço

vivido (espaço sentido), o corpo vivido (corpo em sua realidade, em seu mundo), o tempo vivido (dimensão temporal, modo temporal de estar presente no mundo) e o outro vivido (relação interpessoal com o outro).

Este método, que utiliza a experiência de vida para compreender um fenômeno, pode ser utilizado na realização de um estudo que considera a pessoa um ser pertencente à humanidade, ativo, reflexivo, de palavra, que tem desejos, pulsões; um ser simbólico que vive no espaço e no tempo. “É também um ser singular [...] É essa singularidade que o torna um ser especial, único” (SILVA, 2006, p. 271).

Ainda para Silva (2006), a experiência vivida é uma fonte rica de significados subjetivos e intersubjetivos para reflexão, ao utilizar a fenomenologia como método, se almeja desvendá-los a partir de um olhar sobre o fenômeno, ou seja, compreender a vivência dos indivíduos a partir de um fenômeno específico.

Em uma das suas obras, Van Manen (2003) contribui com a investigação fenomenológica ao refletir que o diagnóstico que se pretende fazer é a partir do que ocorre naturalmente no mundo da vida, no cotidiano dos indivíduos, não ao modo como se conceitua o mundo da vida, nem como este se categoriza.

Van Manen (2007) propõe ainda uma reflexão sóbria a partir da experiência vivida pelo ser humano. Nesse aspecto, o sentido de sobriedade está relacionado à capacidade pensativa do sujeito livre de suposições, preconceitos e intoxicações teóricas. Assim, o filósofo percebe a fenomenologia como uma corrente impulsionada pelo fascínio. Um fascínio

com significado, recompensado por momentos em que é possível desvendar o sentido, o significado, isto é, o “coração das coisas”.

Conforme Moreira (2002), ao aplicar o método fenomenológico, o fenômeno se constitui pela experiência comum aos participantes da pesquisa. E para descrever e interpretar o fenômeno pela perspectiva da fenomenologia, são utilizados pressupostos da hermenêutica ao encontro de uma compreensão geral da essência da experiência. Para Van Manen (2016), a hermenêutica é a interpretação da experiência da vida, enquanto a fenomenologia é a pura descrição dessa experiência. Desse modo, a magnitude da fenomenologia está na transformação da essência da experiência passada em uma expressão textual, concedendo significado ao fenômeno na busca de seu sentido.

Já a coleta de dados das experiências utilizando o método fenomenológico pode se dar por meio da entrevista fenomenológica. O método se baseia na entrevista focada na experiência e na entrevista em profundidade. A entrevista tem o objetivo da descrição e reflexão da trajetória dos indivíduos pesquisados no contexto de suas vivências (SILVA, 2006).

Para a elaboração do texto fenomenológico, o escritor realiza uma transcrição, essencialmente um ato carregado de interpretação das experiências. Ichikawa e Santos (2006) ressaltam a importância da leitura forte de um texto fenomenológico e a orientação para o fenômeno focalizada nesse tipo de leitura em que, a partir do conhecimento que possui e do rigor metodológico, o pesquisador concede o caráter reflexivo ao texto. Essa capacidade de reflexão é

um processo interpretativo traduzido na busca dos significados das falas para que sejam reproduzidos nos textos fenomenológicos.

Ichikawa e Santos (2006) delimitam também ponderações a serem seguidas. A primeira delas refere-se à definição da questão da pesquisa, capaz de servir de sustentação à compreensão do fenômeno. Nesse caso, a questão não parte de um problema, mas sim da compreensão do fenômeno vivenciado pelo indivíduo. Posteriormente, na coleta das experiências e na análise desses relatos, o pesquisador não pode fugir dessas narrações para a compreensão do fenômeno. Por fim, o objeto de estudo da fenomenologia pode ser algo concreto, mas também uma experiência traduzida por recordações, sensações, seja essa uma realidade ou aparência (GIL, 2010).

3.3 Fenomenologia nos Estudos Organizacionais

A revolução científica teve reflexos diretos nas teorias das organizações. Do século XI até as primeiras décadas do século XX evidencia-se um período de convergência paradigmática, em que a ciência alcança a complexidade na modernidade e, paralelamente, se desvia da filosofia, tecendo forte influência para a matematização da natureza.

Ou seja, a perspectiva de relação entre os mundos natural-objetivo e humano-subjetivo passa a ter diferentes óticas, sendo que é no período do Renascimento que se dissemina a matematização sobre a concepção qualitativa.

Na administração, essa dualidade de aspectos entre a objetividade e a subjetividade

pode ser explicada pelas ramificações que essa ciência percorreu. A administração é contemplada como uma ciência factual (VIEIRA; BOEIRA, 2006), oriunda das ciências humanas e sociais, onde os fatos investigados tratam do ser humano ou da sociedade. Porém, se por um lado, existe a forte tendência pela busca da subjetividade, tal ciência foi, também, influenciada vigorosamente pela engenharia, integrando-se ao postulado da objetividade.

Com base nestes pressupostos e opondo-se à crença da legítima e única forma de produção do saber nos estudos organizacionais, é fato que a ciência do conhecimento não é exclusiva e, tampouco, um modelo monolítico.

Seguindo esta lógica, para Faria (2012) a epistemologia não pode deter-se apenas na percepção de um método efetivo utilizado para a produção de um texto científico ou acerca de meras considerações teóricas da técnica do pensamento demonstradas no texto.

O campo dos estudos organizacionais é marcado por disputas epistemológicas e teóricas, dada a diversidade e a abertura do campo e, por conseguinte, das pesquisas na área. Com base neste pressuposto, Silva e Neto (2006) denotam que o paradigma filosófico escolhido influencia o modo como a realidade social é concebida, sendo que a dicotomia dessas abordagens está na visão de mundo de cada paradigma.

As possibilidades paradigmáticas do campo das ciências sociais que contemplam os estudos organizacionais são demasiado pluralizadas. Como prova disso, Vieira e Boeira (2006) enumeram o marxismo, de Marx; o weberianismo, de Weber; o funcionalismo e

positivismo, de Durkheim; e o humanismo radical, estruturalismo radical, interpretativismo e funcionalismo, de Burrell e Morgan.

Ainda, segundo Vieira e Boeira (2006), na literatura acerca de teorias e metodologias de administração e de estudos organizacionais, muitos autores estão associados ao paradigma positivista e ao paradigma fenomenológico.

De fato, a vertente fenomenológica tonificou a dialética entre ciências naturais e sociais, e pesquisas quantitativas e qualitativas, contrapondo positivismo e fenomenologia.

Esta visão também é compartilhada por Santos (2000). Para o autor, o positivismo busca modelos da experiência de construção e complexificação das ciências naturais; enquanto a fenomenologia ou interpretacionismo compõe-se como alternativa ao modelo das ciências naturais, mais modernos ou extremistas.

Neste contexto, Vieira e Boeira (2006) apontam que, para a compreensão efetiva das ações humanas, é essencial possuir como umas das referências a dimensão subjetiva, ao contraponto de que, nos fenômenos naturais, essa dimensão não é vislumbrada.

Assim, as ciências sociais almejavam a utilização de uma metodologia própria, presente na fenomenologia, uma vez que a fenomenologia se encaixa como uma estratégia qualitativa e interpretativa que busca a obtenção do conhecimento intersubjetivo, compreensivo e retratado, contrária à objetivação e à formulação da estratégia quantitativa na área científica.

Portanto, no que se refere à interlocução inter e transdisciplinar, a corrente filosófica guiada pela fenomenologia, ao mesmo tempo em

que se constitui como uma corrente complexa e importante da filosofia moderna, traz consideráveis contribuições, singularmente no âmbito da filosofia e das ciências humanas e sociais, inclusive, para estudos brasileiros no campo organizacional e do empreendedorismo.

Segundo Boava e Macedo (2011), a fenomenologia pode ser utilizada para estudar o poder, gêneros, questões socioambientais e econômicas, de conhecimento, ética, comunicação, dentre outros campos.

Silva, Rebelo e Cunha (2003) desenvolveram sua pesquisa tendo a fenomenologia como método-chave, abordando o tema da atividade gerencial por meio da compreensão do processo de aprendizagem gerencial, sendo tal processo fundamentado na experiência de vida dos gerentes das empresas.

Anselmo e Garcez (2005) analisaram a temática do capital de risco no Brasil, com o objetivo de avaliar o surgimento, a evolução histórica, as características e perspectivas deste mercado, utilizando técnicas de pesquisa documental e histórica por meio de abordagem qualitativa de pesquisa do tipo fenomenológica.

Resende e Resende (2005), por sua vez, abordaram a temática do turismo e por meio da fenomenologia, estudaram os impactos positivos e negativos das atividades turísticas baseadas na percepção de atores sociais.

Maisonnave e Rocha-Pinto (2008) realizam uma análise fenomenológica, porém com foco de seu estudo pela percepção da inovação nos investimentos em pesquisa e desenvolvimento do setor elétrico brasileiro.

E, ainda, Carreira et al. (2015) utilizaram o método fenomenológico-interpretativista para com o intuito de compreender o empreendedorismo feminino, com o objetivo de apresentar o perfil de mulheres empreendedoras, as características pessoais de cada uma, como se deu o desenvolvimento do seu empreendedorismo, assim como as visões atuais e futuras sobre os seus respectivos negócios.

Portanto, os métodos de cunho fenomenológicos se mostram convenientes à ciência da gestão (THIRY-CHERQUES, 2004), destacando um potencial metodológico significativo para o estudo dos mais vastos e variados fenômenos no campo dos estudos organizacionais, com temáticas vastas e variadas (SILVEIRA; GUERRA; GONÇALVES, 2012).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados e discussões, conclui-se que a fenomenologia pode trazer contribuições significativas para a área da administração e para os estudos organizacionais, inclusive para o empreendedorismo, seja no Brasil ou considerando outras escalas territoriais.

A organização é um espaço em que se encontram diferentes experiências e pessoas, sendo uma espécie de reprodução da vida cotidiana, e tais pessoas são dotadas de consciência, aspirações, sonhos e problemas.

Portanto, toda organização é dotada de personalidade própria, no sentido de que para ela confluem constituintes variados que podem ser apreendidos por meios fenomenológicos; e tais

constituintes, uma vez esclarecidos, podem contribuir com a área e fazer com que a administração revele aspectos pouco explorados de sua natureza (BOAVA; MACEDO, 2011).

Para tanto, faz-se necessário o reconhecimento de sua relevância, bem como sua efetiva aplicabilidade nos campos científico e empírico, pelos pesquisadores destas áreas.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, J.; GARCEZ, M. O panorama brasileiro do capital de risco: características, evolução e perspectivas. In: EnANPAD, 29, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2005.
- BALSINI, C. P. V.; GODOI, C. K. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 89-112.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, artigo 2, p.469-487, 2011.
- CARREIRA, S. S. et al. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **Navus**, v. 5, n. 2, . 06-13, 2015.
- FARIA, José Henrique de. Dimensões da matriz epistemológica em estudos em administração: uma proposição. In: EnANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.
- GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 115-146.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- _____. SILVA, S. P. M. O método fenomenológico na pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil. **Re-**

vista de Ciências da Administração, v. 17, n. 41, p. 99-113, 2015.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, v. 3, n. 14, p. 363-372, 2006.

ICHIKAWA, E. Y. SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 181-205.

MAISONNAVE, P. R.; ROCHA-PINTO, S. R. Uma análise fenomenológica a respeito da percepção da inovação nos investimentos de pesquisa e desenvolvimento do setor elétrico brasileiro. In: EnANPAD, 32, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6.ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Orgs.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

RESENDE, C. F.; RESENDE, D. C. Impactos do turismo: uma análise sob a ótica da população receptora. In: EnANPAD, 29, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2005.

SANTOS, B. A. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, A. B. A Fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 267-297.

_____.; REBELO, L. M. B.; CUNHA, C. J. C. A. Aprendizagem de gerentes: a perspectiva da experiência vivida. In: EnANPAD, 27, 2003, Atibaia/SP. **Anais...** Atibaia/SP: ANPAD, 2003.

_____.; NETO, J. R. Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 53-87.

SILVEIRA, R. Z.; GUERRA, A. C.; GONÇALVES, C. A. A aplicação da fenomenologia nos estudos organizacionais no Brasil. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 269-300, 2012.

STEIN, E. **Uma breve introdução à Filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

THIRY-CHERQUES, H. R. Programa para aplicação às ciências da gestão de um método de caráter fenomenológico. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VAN MANEN, M. **Investigación educativa y experiencia vivida**. Barcelona: Idea Books, 2003.

_____. Phenomenology of practice. **Phenomenology & Practice**, v. 1, n. 1, p. 11-30, 2007.

_____. **Researching lived experience second edition: human science for an action sensitive pedagogy**. Routledge: New York, 2016.

VIEIRA, P. F.; BOEIRA, S. L. Estudos organizacionais: dilemas paradigmáticos e aberturas organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 17-51.

Jessica Casali Turcato

Mestranda em Desenvolvimento Regional pela UNIJUÍ/RS – Bolsista Prosuc/Capes. Graduação em Administração (UNIJUÍ/RS).

Juliana da Fonseca Capssa Lima Sausen

Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela UNIJUÍ – Bolsista Prosuc/Capes. Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Especialização em Marketing e Mestrado em Desenvolvimento Regional (UNIJUÍ).

Cátia Raquel Felden Bartz

Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela UNIJUÍ – Bolsista Prosuc/Capes. Graduação em Administração (URI). Mestrado em Contabilidade e Finanças (Universidad de Zaragoza). Mestrado em Desenvolvimento Regional (UNIJUÍ). Professora da Faculdade Horizontina (FAHOR).

Daniel Knebel Baggio

Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional (UNIJUÍ). Graduação em Administração e

Especialização em Gestão Financeira (UNIJUÍ).
Mestrado em Contabilidade e Finanças (Universidad
de Zaragoza). Doutorado em Contabilidade e
Finanças (Universidad de Zaragoza), revalidado pela
USP em Controladoria e Contabilidade.
